



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6315 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 08 - Educação Superior

DESDOBRAMENTOS DA WORLD CLASS UNIVERSITY NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO E CARIBENHO: OUTROS ELEMENTOS PARA O DEBATE

Lara Carlette Thiengo - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

DESDOBRAMENTOS DA *WORLD CLASS UNIVERSITY* NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO E CARIBENHO: OUTROS ELEMENTOS PARA O DEBATE

PALAVRAS-CHAVE: Universidade de Classe Mundial; *Rankings*; Educação Superior na América Latina e Caribe.

Com este artigo, que é parte de discussões desenvolvidas em pesquisa de pós-doutorado, objetivamos discutir a difusão do modelo de Universidade de Classe Mundial (UCM) no contexto da educação superior na América Latina e Caribe (ALeC) a partir da percepção de pesquisadores de universidades da região. O estudo vem ampliar discussões anteriores sobre o tema (AUTORES, 2019a, AUTORES, 2019b), por meio das quais analisamos como os países da ALeC são contemplados nos documentos dos Organismos Internacionais (OIs) no que se refere à constituição de UCMs, bem como à presença discursiva desta lógica nos Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDIs) de um conjunto de universidades da ALeC. Por fim, o trabalho também está articulado à tese de doutorado (AUTOR, 2018), em que a própria concepção de excelência a partir do modelo de UCM é analisada, considerando tendências e materializações em nível global e suas manifestações regionais.

Para dar conta do objetivo proposto, em termos metodológicos, utilizamos questionários com o objetivo de levantar informações junto a pesquisadores de universidades da ALeC sobre: conhecimento/desconhecimento/percepção de acadêmicos sobre a concepção de Universidade de Excelência ou de Classe Mundial; posicionamento das suas universidades nos *rankings* acadêmicos; mudanças na cultura acadêmica e organizativa das suas instituições.

Os questionários foram enviados a 25 pesquisadores da América Latina e Caribe, via plataforma *Encuesta Fácil*. Do total enviado, tivemos o retorno de 15 respondentes, sendo que destes, 12 responderam todas as questões. Dentre os respondentes estão pesquisadores do Brasil, México, Argentina, Colômbia e Chile.

O perfil dos entrevistados é formado, em sua maioria, por professores pesquisadores da educação superior, também vinculados a Programas de Pós-Graduação e com mais de 15 anos de experiência como acadêmicos. Em sua maioria, possuem doutorado em Educação, sendo assinaladas também Economia e Administração. A maioria (92%) deles já participaram da gestão universitária, como Chefes de Departamento (45%), Coordenadores de Curso (18%), Pró-Reitores (18%), bem como outras atividades de gestão (55%). Tal experiência indica, a nosso ver, não apenas *expertise* em termos de aprofundamento no tema, mas também no que se refere à vivência no âmbito acadêmico, isto é, compreensão das dinâmicas institucionais na organização, atuação em conselhos e órgãos colegiados, relação com a pesquisa e a pós-graduação, dentre outras frentes de atuação.

Todos os respondentes afirmaram que conhecem o modelo de UCM. Todavia, o acesso a esta informação ocorreu de formas distintas. A maioria informa ter obtido conhecimento do modelo de UCM a partir da literatura acadêmica sobre educação superior, documentos dos Organismos Internacionais e por meio de eventos acadêmicos. Os Planos de Desenvolvimento Institucionais também aparecem como um material relevante para conhecimento do referido tema. Todavia, quando a pergunta é “*Acredita que este deve ser um objetivo a ser perseguido por todas as universidades e também por todos os países?*”, apenas um dos pesquisadores afirma conhecer e estar de acordo com a perspectiva, diferenciando-se dos demais, que alegaram ter conhecimento sobre o modelo, apresentando, em nível mais ou menos elaborado, críticas.

Os participantes, em maioria (64%), responderam que conheciam iniciativas relacionadas à constituição de UCM em seus países. Algumas das Iniciativas pontuadas foram: projeto do governo federal brasileiro acompanhando iniciativas na USP, Unicamp e UFRJ; e ainda projetos fora da região latino-americana em países como: Japão, China, Coreia, Singapura, Malásia, Tailândia e Rede de Universidades Europeias. Cabe salientar a afirmação de um dos respondentes (brasileiro) sobre a difusão dos princípios do modelo de UCM ainda que especificamente a nomenclatura UCM não apareça em todos os casos.

Apesar das críticas ao modelo de UCM presente na maioria das respostas, quando o assunto é internacionalização - *a importância da internacionalização da educação superior como um objetivo central das universidades latino-americanas* -, percebemos que 73% respondeu que sim, isto é, que este deveria ser um objetivo central, o que vai ao encontro dos PDIs analisados.

Lembremos que a internacionalização é um componente principal para o modelo de UCM, sobretudo no que se refere à atração de ‘talentos’. Desse modo, assim como nos PDI’s das instituições (AUTOR, 2019b), percebemos que a internacionalização é considerada primordial para as IES atualmente.

Quando a pergunta está diretamente relacionada à universidade na qual o pesquisador atua, 60% consideram serem estas internacionalizadas. Sobre o trabalho docente e sua relação com a internacionalização nessas instituições, 70% dos respondentes afirmam sentirem-se pressionados ou induzidos a aderir/compor projetos ou ações internacionais e, 73% indicou que se sentem pressionados a publicar em revistas internacionais. Evidencia-se, assim, a necessidade de um novo tipo de docente, que esteja inserido em uma cultura da investigação em que a ‘produtividade científica’ deve ser alta (ALTBACH; SALMI, 2011).

A disponibilidade em participar de redes e também à mobilidade, a procura por melhores condições de trabalho e por carreiras mais promissoras também são colocadas como características deste perfil de profissional e são posturas avaliadas positivamente. Nas últimas décadas, a lógica da internacionalização tem ganhado relevo na rede de políticas globais como expressão articulada ao movimento de mundialização do capital em sua fase de

predominância financeira. A pressão das agências financiadoras, no caso brasileiro - a CAPES - bem como a criação de programas e projetos de internacionalização vem, por um lado, ampliando as possibilidades de inter-relação e formação de redes com outros países, e, por outro lado, induzindo uma lógica acadêmica voltada para a perspectiva quantitativa (em termos de produção), necessariamente em língua inglês, em atendimento à promoção do mercado da mobilidade internacional.

Interessante notar que os pesquisadores que responderam ao questionário, quando perguntados sobre seu conhecimento no tocante à existência de parcerias com outros países mencionaram EUA (40%), Portugal, Espanha (50%), Inglaterra (20%) e países latino-americanos (70%) como parceiros em termos de mobilidade acadêmica. Já quando são questionados sobre parcerias com IES latino-americanas, são citadas Argentina, Brasil, Bolívia, Costa Rica, Chile, Cuba, Equador, Honduras, México, Perú, República Dominicana, Uruguay, Venezuela. Complementarmente um dos respondentes indicou que a *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales* (CLACSO) administra um conjunto de instituições não orientadas pelos valores da UCM na América Latina.

Considerando que a cooperação científica internacional é uma parte da diplomacia dos países, quando os negociadores estão em condições deveras desiguais, a possibilidade de fazer um bom acordo diminui consideravelmente. Como afirma Souza (2018, p. 105) “os números da internacionalização na região para todas as áreas é extremamente baixo, o que revela a falta de uma política orientada para ampliar de modo significativo os intercâmbios na ALeC”.

Passando às questões relacionadas aos *rankings*, a maioria dos respondentes (91%) alegou conhecer as métricas. Cabe ressaltar que apenas 18% consideram que os *rankings* internacionais, regionais e locais seriam ferramentas adequadas para as classificações.

Apesar de a maior parcela da amostra (82%) considerar que os *rankings* não são ferramentas fidedignas para a análise da realidade educacional, percebemos que há pontos de vistas distintos em relação a forma como esses *rankings* poderiam ou não ser utilizados. Um dos pesquisadores, por exemplo, compreende que os dados dos *rankings* podem ser úteis em alguns casos, reforçando que os indicadores não mudam o foco da universidade. Por outro lado, um dos respondentes indicou a possibilidade de criação de *rankings* mais adequados, por exemplo, ao cenário latino-americano. Em outra afirmação, ressaltou-se, contudo, que há instituições que são explicitamente contra a essas ferramentas.

Não obstante a popularidade que os *rankings* acadêmicos vêm adquirindo (CALDERON et al; 2011;), estes também têm sido objeto de críticas por parte de vários atores e autores ao longo das últimas duas décadas (ENDERS, 2015; AUTOR, 2018). Todavia, concordamos com Altbach *et al.* (2010) quando afirmam que essas críticas não têm impedido a conquista de legitimidade e credibilidade desses indicadores, convertidos, em pouco tempo, em referentes de uma determinada excelência e qualidade.

Desse modo, os *rankings* internacionais podem ser considerados elementos-chave na governança transnacional, criando um contexto de discussão sobre os critérios apropriados para as comparações, êxito e legitimidade das instituições que apontam elementos para criar padrões organizacionais.

Assim, estes mecanismos de avaliação/classificação podem ser considerados instrumentos de legitimidade, de distinção e de poder, bem como dinâmicas “organizadoras” de reformas educacionais que, por sua vez, estão atreladas às grandes metas sociais e econômicas de cada país e à promoção da competitividade no âmbito da globalização (AZEVEDO, 2016).

Partindo do entendimento de que os indicadores e os percentuais a eles atribuídos refletem juízos de valor e prioridades das organizações ranqueadoras, consideramos que as metodologias adotadas pelos *rankings* analisados têm um perfil elitista e não objetivam abranger um grande número de instituições.

Neste sentido, cabe salientar, de acordo com um dos pesquisadores que responderam o questionário que o alinhamento aos critérios dos *rankings* nem sempre acontece de forma consciente, uma vez que “Os professores já têm sua subjetividade preenchida pela cultura diária da WCU. Tampouco agem como autônomos e buscam-se fazer como seres humanos à imagem e semelhança dos *rankings* [...]”.

Isso ocorre porque as classes dominantes produzem o consenso organizando as esferas sociais de acordo com as tendências materiais e ideológicas transformadas em senso comum, que se confunde com a própria cultura hegemônica, na qual os valores são incorporados como naturais. Isto porque, para ser econômica, a dominação de classes precisa também ser cultural, ou seja, necessita forjar corações e mentes a partir da edificação de consensos.

O modelo de UCM e os *rankings* acadêmicos internacionais são difundidos, então, no sentido de reforçar, aprofundar e avançar o capitalismo acadêmico e o projeto de descaracterização da universidade de cariz humboltiano. Não por acaso, os institutos promotores vêm criando *rankings* específicos para a regiões, grupos e blocos, sendo um deles voltado à América Latina. Destaca-se, neste aspecto, a criação de “instâncias” de competitividade e, por consequência, a difusão de forma mais “eficiente” relacionadas às características fundantes do modelo de UCM.

Sendo assim, importa considerar que essa questão das universidades de excelência, do apelo aos *rankings* na ALeC não se trata de coincidência ou de simples alinhamento de ordem modernizadora, mas sim, de um movimento que ocorre porque a expansão e a consolidação do capitalismo exige a internacionalização das políticas públicas, das regras e normas dos sistemas de gestão, produção, financiamento e consumo em todo o território que as IES atendem.

Do mesmo modo, compreendemos que o perfil de UCM para países que não compõem o eixo dinâmico do capital, como os da América Latina e Caribe, guarda especificidades, como a criação de centros/nichos de excelência, grupos e redes de pesquisa nacionais e internacionais, que por sua vez também estão articulados às demandas do setor industrial e de serviços.

Nos dados coletados via questionário, percebemos que, apesar de a lógica de UCM não estar nomeadamente colocada enquanto projeto na maioria das IES latino-americanas, os pesquisadores conhecem o tema, e, em sua maioria, destacam os problemas do modelo como projeto de universidade com essas características. Todavia, outra vez, a internacionalização é compreendida por alguns pesquisadores de forma mais ‘otimista’ em termos de projeto para as universidades latino-americanas, especialmente, no que tange a formas de internacionalização articuladas à regionalização, ainda que esta lógica não se consubstancie como central nos PDIs analisados (AUTOR, 2019).

Os desdobramentos da difusão da perspectiva de Classe Mundial, por sua vez, já podem ser verificados na intensificação ainda maior do trabalho docente, uma vez que os professores passam a ter que responder a outras demandas de caráter “internacionalizador”, que vão desde o domínio da língua inglesa, até a criação de redes internacionais, parcerias em artigos e publicações em revistas internacionais entre outras frentes. como se verificou nos questionários.

Destacamos que a difusão do modelo de UCM para os países que não compõe o eixo dinâmico do capital tem como principal objetivo o fortalecimento de centros de excelência em áreas estratégicas e a formação de parcerias/redes via internacionalização, o que se torna possível, de acordo com os especialistas do Banco Mundial, a partir da concentração de recursos em áreas estratégicas, ênfase na pesquisa e PG, formação de redes de pesquisa com universidades “de excelência” e de iniciativas baseadas na concentração de recursos em algumas universidades ou centros de pesquisa. Isso significa que o discurso da desqualificação da universidade pública – e no polo oposto, a sua defesa a partir dos resultados nos *rankings* acadêmicos -, abre precedentes para o aprofundamento da diferenciação da educação superior, a marginalização das ciências humanas e, não menos importante, o impulsionamento da descaracterização progressiva da universidade como um instituição social, tornando-a cada vez mais uma organização (CHAUÍ, 2003) elitista e articulada aos interesses do mercado (BIANCHETTI; SGUISSARDI, 2017).

Neste diapasão, a lógica do modelo de UCM não está relacionada apenas à possibilidade efetiva de as IES adquirirem as características necessárias para adentrarem a este seleto grupo de instituições. A lógica da UCM também se articula ao polo oposto, ou seja, a impossibilidade de atender os requisitos e com isto, reforçar a ideia de que estas IES ou no seu interior, determinadas áreas não alcancem determinados estânderes sendo, portanto, menos significativas socialmente, justificando financiamentos diferenciados. Tal discurso/ideia, por sua vez, torna-se um tipo de argumento útil aos grupos privatistas, motivo pelo qual também problematizamos que a defesa da universidade pública não pode estar atrelada essencialmente aos resultados dos *rankings* acadêmicos uma vez que estas tabelas classificatórias não dão conta de expressar a qualidade do ser/fazer das IES em sua totalidade. Além do mais, essas ferramentas dão guarida à meritocracia, à manutenção e ao aprofundamento do corte de classe no acesso ao ensino superior, não correspondendo, desse modo, à ideia de educação como bem público e social.

Por fim, apesar dos limites dos dados e informações a que tivemos acesso, entendemos que é o modelo de UCM ou ainda o esse ideal que vem ganhando cada vez maior expressividade, sendo esta especialmente articulada à maior notoriedade que vem ganhando os *rankings*.

Como afirmamos também em Autores (2019,b), os planejamentos dessas instituições nos indicam a ênfase na pesquisa aplicada e inovação (em detrimento da pesquisa básica), e a formação de redes com os centros de classe mundial, o que nos indica um evidente lugar de subserviência das universidades latino-americanas e caribenhas em relação à IES dos países centrais, consoante àquilo que ocorre com a própria Divisão Internacional do Trabalho. As mudanças, de forma geral, estão relacionadas a estratégias e conteúdos da elaboração de consensos ativos sobre as formas de trabalho e organização das IES para este momento histórico.

Há, certamente, movimentos de resistência e problematização da lógica ora exposta, indo ao encontro de projetos que vislumbram outra perspectiva para a universidade latino-americana, mais referenciada na função social que historicamente as IES assumiram nestes países. Urge, pois, que as universidades, sindicatos, movimentos sociais se articulem e possam “[...] apurar melhor e construir consensos de forma mais rigorosa sobre a internacionalização e as métricas que avaliam a internacionalização, o uso de *rankings*” (LEAL; LEHER; AZEVEDO, 2018, p.8) e, acrescentamos, sobre a lógica e o significado da excelência acadêmica e científica e o modelo de classe mundial. Afinal, “[...] ter uma região do planeta em defesa da educação pública faz diferença” (p.7).

REFERÊNCIAS

ALTBACH, P; SALMI, J. **El camino hacia la excelencia académica**: la constitución de Universidades de Investigación de Rango Mundial. Washington, EUA: Banco Mundial, 2011.

AUTOR, 2018

AUTORES. 2019a,

AUTORES, 2019b

AZEVEDO, M. L. N. Educação e *benchmarking*: meta-regulação e coordenação de políticas baseadas em indicadores e nas chamadas 'boas-práticas'. In: SEMINÁRIO NACIONAL UNIVERSITAS, 24. 18 a 20 de mai. 2016, Maringá. **Anais...** [S.l]: UEM, p. 1407-1442, 2016.

BIANCHETTI, L.; SGUISSARDI, V. **Da universidade à commoditycidade**. Ou de como e quando, se a educação/formação é sacrificada no altar do mercado, o futuro da universidade se situaria em algum lugar do passado. Campinas: Mercado de Letras, 2017

CALDERON, A. I.; POLTRONIERI, H.; BORGES, R.M. Os rankings na educação superior brasileira: políticas de governo ou de estado?. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 19, n. 73, 2011. p. 813-826

CHAUÍ, M. "A universidade pública sob nova perspectiva". **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 24, dez.,2003. pp. 5-15.

ENDERS, J.. "Una 'carrera armamentista' en la academia: los *rankings* internacionales y la competencia global para crear universidades de clase mundial". **Revista de la educación superior**, v.. 44, n. 176, pp. 83-109, 2015.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais. O Princípio Educativo. Jornalismo**. V. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEAL, F. G., LEHER, R; AZEVEDO, M.L.N. Perspectivas e desafios para a Educação Superior na ALLeCe o Caribe: Entrevista com Roberto Leher, Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com comentários de Mário Luiz de Azevedo, da Universidade Estadual de Maringá. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v.26, n.16, p? , 2018.

SOUZA , J.F. **Itinerários Da Internacionalização Da Educação Superior Brasileira No Âmbito Da ALLeC**. 2018. Tese (Doutorado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social) Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2018. 235f.